



CORPO, CIDADE E IMAGENS: INVESTIGANDO CAMINHOS PARA A EDUCAÇÃO EM ARTE

*BODY, CITY AND IMAGES:
INVESTIGATING PATHS TO ART EDUCATION*

Pedro Simon G. Araújo

Faculdade de Artes Visual-UFG, Brasil
araujops3@gmail.com

Resumo

O presente artigo parte dos estudos da cultura visual e de reflexões do universo das imagens e das experiências visuais para pensar acerca da educação em arte em contextos formais e não formais, tendo como foco as imagens do corpo e da cidade. Tomo como ponto de partida a evolução da arte-educação pós-moderna, que vem propondo currículos mais abrangentes das artes abrindo espaço para que os alunos se envolvam mais intensamente com as artes visuais, para que aprendam a linguagem e o fazer visual, mas, sobretudo, que compreendam o contexto cultural e histórico no qual obras de arte têm sido produzidas. Pode-se dizer que a associação das imagens ao contexto educativo é uma expansão natural ao se considerar o deslocamento do “estético” para diversos âmbitos da vida cotidiana como reflexo de transformações culturais que permitiram a aproximação da vida real das artes, proporcionando uma intervenção educativa. Entendendo o cotidiano como um complexo de imagens e visualidades latentes, o corpo e a cidade são elementos imagéticos que devem ser estudados. A relação entre corpo e imagem não acontece de modo linear, mas de maneira viva, atravessada por afetos onde o corpo se projeta como processo. E os afetos estão ligados tanto aos movimentos corporais quanto às imagens que o corpo forma de situações, contextos e corpos com os quais estabelece relação. Desse modo a cidade deixa de ser um espaço por onde corpos transitam e habitam e passa a ser um lugar onde de fato existem corpos. Assim como as pessoas, os contextos e as histórias passam por nós e deixam no nosso corpo suas marcas, suas imagens, e a cidade compartilha dessa potência. Ao investigar esses caminhos espero refletir sobre uma educação em arte que absorva as potencialidades do corpo, seus afetos, suas histórias e as imagens a sua volta.

Palavras-chave: arte; corpo; cidade; imagem.

Abstract

The present article is based on studies of visual culture and reflections about the universe of images and visual experiences to think about education in art in formal and non - formal contexts, focusing on the images of the body and the city. I take as a starting point the evolution of postmodern art-education, which has been proposing more comprehensive curricula of arts, opening space for students to become more intensely involved with the visual arts, to learn language and visual making, above all, to understand the cultural and historical context in which works of art have been produced. It can be said that the association of images with the educational context is a natural expansion when one considers the displacement of the “aesthetic” to different spheres of daily life as a reflection of cultural transformations that allowed the real life to approach to arts, providing an educational intervention. Understanding the everyday as a complex of images and latent visuals, the body and the city are imaging elements that must be studied. The relation between body and image does not happen in a linear way, but in a living way, crossed by affections where the body projects itself as process. And the affections are related to the body movements and to images formed by the body of situations, contexts and bodies which it establishes relation with. In this way the city ceases to be a space where bodies move and inhabit and it becomes a place where there are indeed bodies.

Just as people, contexts and stories pass through us and leave their marks, their images in our bodies, and the city shares that power. In investigating these paths I hope to reflect on an education in art that absorbs the potentialities of the body, its affections, stories and images around.

Keywords: art; body; city; image.

Compreensões sobre a cultura visual

Encontro aqui um espaço para refletir sobre as práticas de ensino de arte e suas relações com os estudos das imagens e do corpo. Defendo a importância de pensar o corpo como parte do processo de formação, uma vez que por meio dele percebemos e sentimos o mundo, contaminamos os diferentes contextos nos quais nos situamos ao mesmo tempo em que também somos contaminados continuamente. Pretendo elaborar algumas reflexões sobre os encontros do corpo com as imagens no contexto da educação. No entanto, creio ser necessário situar o meu lugar de fala, ou seja, de onde parte a minha voz, as questões que me preocupam e são o ponto de partida desta investigação.

Os estudos da Cultura Visual têm orientado e balizado teoricamente o itinerário desta pesquisa e, portanto, inicio esse texto construindo diálogos e partindo de alguns recortes teóricos que me auxiliarão a desenvolver essas reflexões.

Sérvio (2015, p.93 e 94) a partir do que afirma Dikovitskaya (2006), apresenta que os Estudos de Cultura Visual “estão informados pelas abordagens dos Estudos Culturais e do Pós-estruturalismo e surgiram a partir do encontro entre autores ligados aos Estudos Culturais e à História da Arte”. A transdisciplinaridade é uma característica marcante dessa área de estudos. Autores como Walker e Chaplin (2002) definem a Cultura Visual como um híbrido multidisciplinar que se forma por convergências e empréstimos de outras disciplinas e metodologias. Campos (2012, p.21) complementa essa ideia ao apresentar a Cultura Visual como “uma grande área de estudo de tendência transdisciplinar, acolhendo investigadores provenientes de ramos científicos, artísticos e humanísticos que buscam [...] entender a imagem, o olhar e a visualidade enquanto construções humanas” e, portanto, como construções sociais. Para Nascimento (2011, p.210) a transdisciplinaridade da Cultura Visual, “se efetiva mediante a articulação de diferentes saberes para compreender os efeitos e o poder dos processos de subjetivação exercidos pelas imagens”. A interdisciplinaridade deste campo acadêmico permite a ele se ocupar “da diversidade do universo de imagens” (MONTEIRO, 2008, p.131), que marca a sua formação e o desenvolvimento de seus estudos.

Knauss (2006) apresenta um resumo conceitual da “disciplina” Cultura Visual a partir do termo virada da imagem, ou *pictorial turn*. Cunhado por W.T. Mitchell nos anos 90 do século passado, nos EUA, o conceito acompanha a evolução dos estudos da Cultura Visual que, segundo

o autor, foi criado para tratar das discussões teóricas sobre a imagem em um momento em que diversas disciplinas do campo das ciências humanas se viram desafiadas a se posicionarem frente aos questionamentos intelectuais da imagem. Mitchell, pelo olhar de Knauss (2006), tomou como referência a virada linguística abordada pelo filósofo Richard Rorty na década de 50 ao tratar da história da filosofia e caracterizada por uma série de viradas. Knauss (2006, p. 106), descreve essa virada como o “momento em que passou a se dar destaque na crítica das artes e das formas culturais aos diversos modelos de textualidade e discursos”. A temática da virada da imagem é retomada, posteriormente, por Martin Jay “para sublinhar a importância assumida pelos modos de ver e pela experiência visual como paradigma visual da nossa época”. (idem, p.107).

Nesse contexto, os questionamentos referentes à universalidade dos modos de ver e das experiências visuais ganharam força e influenciaram os estudos atuais da cultura visual. Ainda de acordo com Knauss (2006, p. 107), esses questionamentos tem como foco a necessidade de

... abandonar a centralidade da categoria de visão e admitir a especificidade cultural da visualidade para caracterizar transformações históricas da visualidade e contextualizar a visão. [...] Martin Jay reafirma a ideia de que o advento da cultura visual decorre do fato de que não podemos mais separar os objetos visuais de seu contexto. (KNAUSS, 2006, p. 107).

Partindo dessa compreensão, o autor afirma que Mitchell entende o cultural como “a ordem de imagens e mediações que tornam a sociedade possível” (KNAUSS, 2006, p.108), tornando intercambiáveis o social e o cultural, mesmo que não eles não sejam a mesma coisa. A sociedade faz referência às relações sociais, enquanto os elementos que possibilitam essas relações representam a cultura visual.

Knauss explica que a cultura visual passa a ser percebida por Mitchell “não apenas como o campo de estudos da construção social do visual em que se operam imagens visuais e se realiza a experiência visual. [Mas também] (...) como o estudo da construção visual do social”. Trata-se assim de um estudo a respeito do que é construído culturalmente enquanto experiência visual na vida cotidiana, que se estende para as mídias, para as artes visuais e para outras formas de representação nas quais os sentidos são construídos em contextos sociais específicos que envolvem as relações humanas. Nesse sentido, Sérvio (2015, p.141) afirma que em função das diferenças culturais que transformam nossa experiência visual ela “não pode ser identificada como uma janela transparente para o real”. Não há como compreendê-la como universal ou natural.

Mitchell (2002) define os estudos de cultura visual como uma maneira de compreender as representações visuais chamando atenção para a necessidade de estarmos atentos aos discursos e narrativas visuais que nos cercam. Complementando a definição de Mitchell, Campos (2012, p. 24) afirma que a cultura visual é um “modo de apreender e decodificar visualmente a realidade, tendo em consideração a natureza cultural e psicossocial da percepção e cognição”. O próprio termo “cultura” apresenta uma fundamentação para pensarmos a análise das imagens

a partir de processos sociais sinalizando um detalhamento que coloca em perspectiva a visão e a própria imagem a partir de quadros sócio-histórico-culturais. “A cultura visual discute e trata a imagem não apenas pelo seu valor estético, mas principalmente”, como forma de “compreender o papel social da imagem na vida cultural” (MARTINS, 2007, p. 26). Os argumentos de Walker e Chaplin (1997, p. 22 apud CAMPOS, 2012, p. 21) complementam as ideias de Mitchell e Martins ao explicitarem que

aqueles que estudam a cultura visual não estão primordialmente preocupados com como as pessoas veem o mundo, mas como as pessoas veem imagens fixas e em movimento e uma série de artefactos que foram criados, em parte ou na íntegra, para serem olhados.

Compreende-se, assim, que é fundamental para a cultura visual discutir as imagens que estão à nossa volta (SÉRVIO, 2015), ou seja, a experiência visual como é objeto de estudo da cultura visual (MITCHELL, 2002). Segundo Sérgio (2017, p. 147) para pesquisadores que trabalham nessa área de estudo, “as imagens importam porque em vez de simplesmente refletirem a realidade ou um contexto, nossa relação com as imagens afeta/constrói percepções sobre o mundo e sobre nós mesmos, influenciando nossas ações”. (ibidem, p.147). Tudo o que vemos, mostramos, olhamos e exibimos (MITCHELL, 2002), entra em discussão juntamente com as imagens quando estudamos ou discutimos sobre cultura visual. Como consequência, percebemos que as práticas de representação visual são fundamentais para a produção da cultura, além de aprendermos a ver também por meio da cultura.

A cultura visual não está relacionada directamente com as imagens, apesar daquilo que eventualmente o conceito possa suscitar numa primeira apreciação. A cultura visual está, principalmente, associada à visualidade, enquanto competência sócio-cultural que nos permite olhar e representar visualmente o mundo. Com isso pretendo declarar (...) que os fenômenos visuais da cultura não se resumem às imagens ou aos objectos visuais, podendo estender-se para um conjunto dilatado de universos. (CAMPOS, 2007, p.73-74).

Em sintonia com as ideias e argumentos de Campos, minha intenção é pensar como imagens do corpo e da cidade são construídas, como elas geram confronto e enfrentamento, os sentidos e significados que elas deflagram como artefatos produzidos por e/ou para indivíduos, como elas podem atrair, seduzir ou serem rechaçadas.

Pensando o poder das imagens e a experiência visual

Sérvio (2015, p.159) afirma que “embora as imagens sejam inanimadas, nós desejamos animá-las e nelas encontrar significado e, assim, muitas vezes nos engajamos com elas”. Nós somos responsáveis por dar às imagens algum tipo de poder que não é intrínseco a elas, mas que parte de um componente cultural.



Nos estudos da cultura visual a imagem adquire importância como veículo para produção cultural, para a produção de práticas sociais visando a criação de redes que busquem alcançar realidades alternativas. Para Duncun (2011, p.21), as imagens “sempre desempenham um papel no âmbito de lutas pelo significado, seja legitimando noções existentes e as estruturas de poder que apoiam, seja contestando tais noções ou incorporando ambivalência e contradição”.

Segundo Pillar (2012, p. 3), “a palavra imagem abriga, em sua amplitude, não só criações artísticas, mas também produções de mídia, objetos do nosso cotidiano, lugares, pessoas, enfim”, aquilo que é visível e que percebemos visualmente. Estamos sitiados por imagens disseminadas por uma multiplicidade de aparatos visuais. Nos dias de hoje as imagens nos invadem, nos afogam, nos tornam reféns sem que tenhamos tempo de desenvolver uma compreensão crítica sobre elas ou a partir delas.

Evidentemente, na atualidade a circulação e o acesso que temos, os modos interpretativos e interativos que estabelecemos com as imagens, são completamente diferentes das épocas anteriores. Mudaram os suportes, as tecnologias, as formas de visualização e o modo de nos posicionarmos em relação às imagens; porém, as imagens continuam narrando o mundo, instituindo saberes e verdades. (CUNHA, 2015, p.168).

Vicci (2015, p. 48) corrobora com os argumentos apresentados por Cunha ao afirmar que estamos a todo tempo negociando, consumindo e nos confrontando com uma infinidade de imagens, “das quais nos apropriamos e ressignificamos consciente e inconscientemente”.

Para Tourinho e Martins (2011), as imagens, muito mais que certezas, vínculos e interpretações, geram acordos e desacordos. Elas podem gerar discursos, gestos, questões e dúvidas, além da incorporação de novas imagens. Lidamos com a complexidade da experiência visual a todo tempo.

Rogoff (1998), ao fazer referência aos estudos da imagem, dá destaque para a experiência visual ao explicar que,

em um nível nós certamente focamos na centralidade da visão do mundo visual a produzir significados, estabelecer e manter valores estéticos, estereótipos de gênero e relações de poder na cultura. Em outro nível nós reconhecemos que abrir o campo da visão como uma arena na qual os significados culturais são constituídos, também, simultaneamente, ancora nela um grande espectro de análises e interpretações do áudio, do espacial e das dinâmicas psíquicas do espectador. (ROGOFF, 1998, p. 24, apud AGUIRRE, 2011, p. 78).

O processo de interpretação das imagens não é algo simples de ser abordado porque depende de muitos fatores, sejam eles ligados ao espectador, ao contexto cultural em que as imagens foram produzidas, onde e em que circunstâncias elas estão sendo vistas. Segundo Aguirre (2011, p. 80), a interpretação das imagens ganhou potência a partir da virada linguística



ao “propiciar a compreensão crítica dos mecanismos de dominação que se põem em jogo mediante tais imagens (...) [ajudando-nos] a desconstruir os referentes culturais, sociais, políticos e estéticos que a cultura visual traz na conformação de mundos possíveis”. Cunha (2015, p. 169) esclarece que embora ainda haja pouco reconhecimento “das imagens como produtoras e mediadoras de conhecimento”, elas nos afetam de muitas maneiras, alterando pontos de vista e configurando realidades. Tourinho e Martins (2013, p. 14), ao discutirem a questão da imagem como conhecimento, explicam que

... ficamos expostos à compreensão de aprendermos mais com elas do que somos capazes de conscientemente reconhecer, interpretar, criticar. Sobre imagem como investigação, geramos o debate sobre como, quem, para quê, em que circunstâncias etc. elas atuam, impactam, transformam, (re) configuram nossos jeitos de ser, pensar, sentir... Sonhar!

Pesquisas que focam ou abordam os estudos da cultura visual se interessam em responder questões sobre a maneira como as imagens “nos fazem ver, ouvir, falar, agir e pensar de um determinado modo e não de outro”. (NASCIMENTO, 2013, p. 243). Para o autor, a compreensão sobre como nos tornamos o que somos, ou como somos provocados a sermos diferentes do que somos passa pelos discursos veiculados pelas imagens. Complementando os argumentos de Nascimento (2013), Tourinho e Martins (2011, p. 60) explicam que

as imagens que vemos são vestígios dessa realidade, resultado de um trânsito, uma transferência de informações/eventos visuais entre o mundo externo e o mundo da mente/corpo. Essa transferência de informações e eventos visuais agrega um processo de estabilização que [...] dá sentido e continuidade ao que é visto como unidades separadas, ou seja, como fragmentos imagéticos.

Os argumentos apresentados por esses autores deixam evidente que a potência cultural e social presentes no campo das imagens e das visualidades depende da relação com o outro, relação que dá vida à intertextualidade uma vez que as imagens não falam sozinhas e não podemos deixar de considerar “a importância da audiência enquanto agente produtor de significado na construção do olhar” (CAMPOS, 2007, p.59 apud SÉRVIO, 2015, p.168).

Nos estudos de cultura visual, a relação entre a recepção de imagens e os indivíduos sociais é um processo que está intimamente ligado ao que de fato se compreende como cultura. Sérvio (2015) se apoia nas palavras de Canclini (2005, p.41-42) para discutir com mais profundidade esta questão. Ele afirma que “[...] a cultura não é apenas um conjunto de obras de arte ou de livros e muito menos uma soma de objetos materiais carregados de signos e símbolos. A cultura apresenta-se como processos sociais”, o que justifica a dificuldade de seu estudo, uma vez que ela nunca se apresenta da mesma maneira. As diferentes apropriações e recepções sociais de mensagens e bens, permitem a geração de novos objetos. “A cultura passou a ser definida assim a partir da compreensão de que o significado das coisas, eventos ou pessoas não é inerente

a [eles] (...). Assume-se, então, que o significado é algo construído, sempre contingente, mutante”, (SÉRVIO, 2015, p. 168) que para ser estudado é preciso uma aproximação de contextos sociais específicos. Interpretar e produzir significados é parte de um processo que implica a formação dos sujeitos, a constituição de suas histórias sociais. “O olhar envolve aprendizados culturais que se produzem através de nossas relações sociais” (idem, p.175). Monteiro (2008, p.132) adiciona que “o valor estético também é uma construção social”.

A partir dessas considerações, proponho uma reflexão a respeito de como as imagens têm sido pensadas e trabalhadas no contexto educativo das artes e da cultura visual para, posteriormente, fazer algumas considerações sobre imagens do corpo e da cidade.

Ensino de arte, imagens do corpo e da cidade!

Segundo Dias (2016, p. 135), o ensino de arte “significa todas as formas de relação entre arte e educação e entendida como qualquer prática de ensino e aprendizagem em artes visuais, em qualquer relação de tempo e espaço”.

Para o autor, a arte-educação pós-moderna tem início nos anos 80 do século passado e se estende até os dias de hoje propondo um currículo mais abrangente das artes, abrindo espaço para que os participantes se envolvam mais intensamente com as artes visuais, aprendendo a linguagem visual, o fazer, e entendendo “as obras de arte em seus contextos culturais e históricos” (DIAS, 2016, p. 136). Seguindo por este caminho, Dias (2016) contextualiza esses conceitos e práticas ao afirmar que no início do séc. XXI, no Brasil, os conceitos de ‘cultura visual’ e ‘educação da cultura visual’ começam a ser associados com frequência ao conceito de ‘cotidiano’ na literatura em arte e em arte educação. Há, assim, por meio das práticas pedagógicas, uma mudança de foco do estudo da arte da elite buscando “incorporar, na discussão, aspectos culturais da visualidade do cotidiano ao ampliar as formas de conhecer e incorporar as questões da visualidade cotidiana nas práticas escolares” (DIAS, 2016, p. 134).

Apoiados nos argumentos de Dias, podemos afirmar que a associação das imagens ao contexto educativo é uma expansão natural se considerarmos o deslocamento do “estético” para diversos âmbitos da vida cotidiana como reflexo de transformações culturais que permitiram a aproximação das “artes da vida real, propiciando a intervenção educativa em todas as ordens da prática estética” (AGUIRRE, 2011, p. 82). As experiências cotidianas “constituem um mecanismo de construção de conhecimento que exige refletir de forma permanente sobre as condições de expectativa das imagens e, ao mesmo tempo” sobre aberturas para criar outras imagens que entrem em diálogo e confronto com “as quais nos vinculamos” (VICCI, 2015, p. 48). Entendendo o cotidiano como um complexo de imagens e visualidades latentes, o corpo e a cidade são elementos imagéticos que devem ser estudados. A relação entre corpo e imagem não acontece de modo linear, mas de maneira viva, atravessada por afetos e projetando o corpo como “processo, ação, trânsito entre natureza e cultura” (BERTÉ, 2016, p. 80).

As imagens são presença constante e marcante nas nossas experiências e no processo de aprendizagem. Para Martins e Tourinho (2017), as imagens guardadas e preservadas na nossa memória são marcas de vivências que nos formaram e formam como indivíduos. “Processadas culturalmente como visualidades e transformadas em experiências, essas imagens têm potencial educativo para ir além das práticas de apreciação ou de uma concepção formal de estética” (MARTINS; TOURINHO, 2017, p.163). As imagens, conforme explica Efland (2004, p.229), suscitam “compreensão crítica do papel das práticas sociais do olhar e da representação visual, de suas funções sociais e das relações de poder às quais se vincula”.

A todo tempo estamos em contato com imagens e estabelecemos relações com “imagens de infância, de família, de amores, conflitos, acasos, azares e sabores” (MARTINS, 2009, p. 34). Sentimentos e afetos coexistem com imagens exógenas que chegam até nós por meio da televisão, do cinema, da publicidade, das redes sociais, o que demonstra que somos animais visuais, “que habita[m] a iconosfera, essa zona onde as imagens são apresentadas como onipresentes” (HERNÁNDEZ, 2017, p.187).

Estudos sobre as imagens possibilitam a abertura de oportunidades para “compreender as relações entre o mundo da memória, as lembranças, as imagens e as subjetividades a partir de experiências e representações de sujeitos e suas trajetórias” (MARTINS; TOURINHO, 2017, p.156).

Neste sentido, destaco a potência do corpo enquanto caminho para trabalhar a educação em arte, pois o corpo é um modo de olhar e de falar do e sobre o mundo. As aprendizagens, de acordo com Vicci (2015, p. 55), habitam os corpos e a memória, “constroem-se, transformam-se e circulam de forma corporizada ao mesmo tempo em que se reafirmam e se confrontam em seus vínculos”.

Tudo o que sabemos, vemos e sentimos é parte de nós mesmos, pois o corpo é o marco zero do mundo, é a fresta por onde percebemos, recebemos e capturamos os fragmentos que nos cercam. “Corpo é processo, ação, trânsito entre natureza e cultura” (BERTÉ, 2016, p.80).

O nosso corpo e tudo o que representamos está diretamente ligado ao ambiente em que nos colocamos, pois não existe um corpo distinto daquilo que foi criado culturalmente. O conceito de corpomídia “propõe a inexistência do corpo fora da cultura, [visto que] corpo e ambiente se codeterminam” (KATZ, 2010, p. 127 apud BERTÉ; TOURINHO, 2014, p. 77), compreendendo a cultura como uma “possibilidade de passagem de um âmbito a outro, entre o externo e o interno”. Berté e Tourinho (2013, p. 1455) enfatizam que “os corposmídia utilizam das referências e experiências [enraizadas no corpo] para significar e negociar significado com o contexto”, com as trajetórias e interesses.

Segundo Berté (2016, p. 80), nesse contexto as imagens são performativas porque “elas têm um poder de transformação e não apenas de representação, no sentido de que elas (per)formam/(trans)formam a vida e as relações dos corposmídia. As imagens contaminam”, como afirmam Katz e Greiner (2001).

Fundamentadas nesses princípios, pesquisas em educação em arte que elegem o corpo como sujeito abrem caminho para pensarmos como as pessoas, os contextos e as histórias passam por nós e deixam no nosso corpo suas marcas. Um caminho que nos leva a compreensão sobre procedimentos do corpo que permite analisar, descartar e alterar informações e imagens que ele recebe do cotidiano, do ambiente no qual se insere e da cultura do qual é parte. (BERTÉ; TOURINHO, 2013). “Corpo é processo, ação, trânsito entre natureza e cultura” (BERTÉ, 2016, p.80), é um modo de organizar imagens no campo das ideias e passar a vê-las como imagens-ação. É uma maneira de pensar e dizer o que sentimos em relação aos afetos e sobre o que nos afeta. Os afetos estão ligados tanto aos movimentos corporais quanto às imagens mentais “que o corpo forma sobre objetos/situações/corpos com os quais se relaciona ou sobre si próprio na relação” (BERTÉ, 2015, p.77) com eles mesmos.

Este mesmo corpo visto a partir do conceito de corpografia, é percebido como um corpo que ocupa um espaço urbano, experimenta a cidade com seus cenários e se apropria deles por meio de uma experiência afetiva e efetiva. “A cidade deixa de ser somente uma cenografia por onde usuários circulam e passa a ser vista como um lugar de existência de um corpo que vivencia seu ambiente” (DOMINGUES, 2009, p. 23). Ou seja, parte-se da premissa de que o corpo e a cidade se relacionam, mesmo que de maneira involuntária por meio da experiência urbana. Britto e Jacques (2008, p. 79) afirmam que “a cidade é lida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação descrevendo em sua corporalidade”.

A corpografia urbana pode ser compreendida como uma cartografia realizada no/ pelo corpo, como uma memória, um registro experiencial da cidade, inscrito em diversas escalas temporalidade que configuram os corpos daqueles que a experimentam.

Entendo assim, que as mais diversas experiências urbanas podem se inscrever em um corpo e, de acordo com Domingues, “os gestos e movimentos do corpo que fez a experiência urbana já revelam suas corpografias” (idem, p.2-3). A partir do momento em que se reconhece a cidade como um ambiente que possibilita a existência do corpo, “que tanto promove quanto está implicada nos processos interativos gerados de sentido implica” (BRITTO e JACQUES, 2008, p. 82) também reconhecer que essa cidade permite a continuidade da corporalidade daqueles que nela habitam.

É possível, então, pensar a corpografia em relação com o conceito de corpomídia, um corpo que é mídia de si mesmo, que segundo Greiner e Katz (2005 p.130-131) é um local de cruzamentos e não um espaço onde informações são apenas armazenadas.

Assim, é possível pensar um processo de educação em arte que parte de conhecimentos e estudos associados a estética do cotidiano, e que encontra nesse cotidiano ricas vivências entre corpo e cidade, vivências capazes de produzir sentidos e visualidades por meio de imagens. Imagens que são fruto das experiências urbanas que marcam o corpo, das mais diversas configurações e diferentes contextos da cidade. Imagens geram conhecimento por meio de interferências em nós, em corpos abertos, pré-dispostos a receber, produzir e dialogar com as imagens.



Referências

- AGUIRRE, I. Cultura visual, política da estética e educação emancipadora. In MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011. p. 69-111.
- BAUMAN, Richard. A poética do mercado público: gritos de vendedores no México e em Cuba. In: **Antropologia em Primeira Mão**. UFSC. 2008.
- BERTÉ, O. S. Posicionamentos performativos na dança contempop: possibilidades para aprender, pesquisar e ensinar. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). **Educação da cultura visual: aprender... pesquisar... Ensinar...** Santa Maria: Editora da UFSM, 2015. p. 73-93.
- BERTÉ, O. S.; MARTINS, R. Corpo e educação: desconstruindo imagens para reconstruir pedagogias. **Educação e Cultura Contemporânea** (Online), v. 13, p. 307-326, 2016.
- BERTÉ, Odailso; TOURINHO, Irene. Quando imagens ma(n)donas educam corpos. In: I Encontro Internacional de Estudos da Imagem - IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 2013, Londrina/PR. **Anais do IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem e I Encontro Internacional de Estudos da Imagem**. Londrina/PR: Universidade Estadual de Londrina, 2013. p. 1452-1468.
- _____. Entre Madonas virgens e eróticas: corpo, imagem e afetos como investimentos das pedagogias culturais. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). **Pedagogias Culturais**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2014, p.73 -99.
- BRITTO, Fabiana D.; JACQUES, Paola B. Cenografias e corpografias urbanas, um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. **Cadernos PPG-AU FAUFBA**, ano 6, p. 79-86, 2008. Número especial: Paisagens do corpo.
- CAMPOS, Ricardo. A cultura visual e o olhar antropológico. **Visualidades**, v. 10, n. 1, janeiro-junho, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/23083>
- CAMPOS, R. M. D. O. **Pintando a cidade: uma abordagem antropológica ao graffiti urbano**. Tese (Doutorado em antropologia) - Universidade Aberta: Lisboa, 2007.
- CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidades**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- CUNHA, Susana R.V. da. Materiais visuais na pesquisa em educação. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). **Educação da cultura visual: aprender... pesquisar... ensinar...** Santa Maria: Editora da UFSM, 2015, p.167-190.
- DIAS, B. Arrastão: o cotidiano espetacular e práticas pedagógicas críticas. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs.). **Culturas das imagens e desafios para a arte e para a educação**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2016, p.133-151.
- DOMINGUES, Viviane Morteau. **Lapse: processo de criação em videodança**. Monografia apresentada à Especialização Arte Contemporânea: Prática, Teoria e História da Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Tuiuti do Paraná: Curitiba, 2009. Disponível em: < http://tcconline.utp.br/wpcontent/uploads/2009/11/PROPPE_2009_LAPSE_PROCESSO_DE_CRIACAO_EM_VIDEODANCA.pdf> Acesso em: set. 2015.

- DUNCUN, P. Por que a arte-educação precisa mudar e o que podemos fazer. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011, p. 15-30.
- DIKOVITSKAYA, M. **Visual Culture: the study of the visual after the cultural turn**. London: MITPress, 2006.
- EFLAND, A. **Educación artística y cognición**. Barcelona: Octaedro, 2004.
- GREINER, C; KATZ, H. Por uma teoria do corpomídia. In: GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos interdisciplinares**. São Paulo: Annablume, 2005.
- HERNÁNDEZ, Fernando. Minha trajetória pela perspectiva narrativa da pesquisa em educação. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu C. de. (Org.). **Pesquisa Narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017. p. 49-74.
- JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. **Arquitextos**, São Paulo, ano 08, n. 093.07, Vitruvius, fev. 2008. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>.
- KATZ, H.; GREINER, C. **A natureza cultural do corpo**. Lições de Dança 3. Rio de Janeiro: Universidade Editora, 2001.
- KNAUSS, P. O desafio de fazer história com imagens: Arte e cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan-jun, 2006.
- MARTINS, R. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. In: OLIVEIRA, M. (Org.). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: UFSM, 2007, p.19-40.
- _____. Narrativas visuais: imagens, visualidades e experiência educativa. In: Imagens em Deslocamento – Educação e visualidade. **VIS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Arte da UnB**, v.8, n.1, p.33-39, jan/jun. 2009.
- MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Des)arquivar narrativas para construir histórias de vida ouvindo o chão da experiência. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu C. de. (Orgs.). **Pesquisa Narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017. p.143-165.
- MITCHELL, W. J. T. Showing seeing: a critique of visual culture. **Jornal of visual culture**, v. 1, n. 2, p. 165-181, 2002.
- MONTEIRO, Rosana Horio. Cultura visual: definições, escopo, debates. **Domínios da Imagem**, n. 2, p. 129-134, maio 2008.
- NASCIMENTO, Erinaldo A. Singularidades da educação da cultura visual nos deslocamentos das imagens e das interpretações. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011, p.209-226.
- _____. A pesquisa em artes e a perspectiva da cultura visual. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs.). **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.
- PILLAR, A. D. Apontamentos para Leitura de Desenhos Animados e Videoartes - online. In: 20º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2011, Rio de Janeiro. **Anais do ... Encontro Nacional da ANPAP** (Online). Rio de Janeiro: ANPAP, 2011. p. 295-309. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gearte/artigos/artigo_analice02.pdf>. Acesso em: 29 de abr.de 2018

RAPOSO, Paulo. Festa e Performance em Espaço Público: tomar a rua. **Ilha**. v.16, n.2, p.89-114, ago./dez. 2014.

ROGOFF, I. Studying visual culture. In: MIRZOEFF, N. (Ed.). **The visual culture reader**. 2.ed. London/New York: Routledge, 1998.

SÉRVIO, P. P. P. **Imagens de publicidade e ensino de arte**: reflexões para uma educação da cultura visual. 2015. 359 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

TOURINHO, I.; MARTINS, R. Circunstâncias e ingerências da cultura visual. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I (Orgs.). **Educação da cultura visual**: conceitos e contextos. Santa Maria: UFSM, 2011. p.51-68.

_____. Imagens como conhecimento e investigação. IN MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Org.). **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013.

VICCI, Gonzalo. Imagens e corpos adolescentes: proposta de abordagem a partir da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). **Educação da cultura visual**: aprender... pesquisar... ensinar... Santa Maria: Editora da UFSM, 2015. p. 45-71.

WALKER, J. A.; CHAPLIN, S. **Una introducción a la cultura visual**. Barcelona: Octaedro, 2002.

WOLFF, J. After Cultural Theory: The Power of Images, the Lure of Immediacy. **Journal of visual culture**, v. 11, n. 1, p. 3-19, 2012.

Minicurriculo

Pedro Simon Gonçalves Araújo

Doutorando em Arte e Cultura Visual pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (linha de pesquisa - Cultura da Imagem e Processos de Mediação). Mestre em Arte e Cultura Visual pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás. Graduado em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2009).